

A INVISIBILIDADE FEMININA NA ARQUITETURA E URBANISMO

RAFAELA JORGE CECCONI¹; ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO³

¹Universidade Federal de Pelotas – rafajceconi@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – andre.o.t.carrasco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho realizado faz parte do PET da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e trata de analisar criticamente a situação de invisibilidade das mulheres dentro dos campos de atuação da arquitetura e do urbanismo. A temática emerge das constantes inquietações frente ao descompasso das discussões de gênero e das demandas de um projeto dito inclusivo.

Visto o desequilíbrio observado na proporção entre estudantes de arquitetura e urbanismo homens e mulheres, assim como entre profissionais e sua relação com baixa representatividade das arquitetas nas posições políticas e de destaque nas organizações do setor, o objetivo do trabalho consiste na busca pela caracterização e explicitação das possíveis estruturas que impedem a ruptura do agressivo silenciamento das mulheres como profissionais e estudantes de arquitetura. Ademais, a pesquisa visa identificar as possíveis consequências na cultura arquitetônica e também na experiência do ser mulher enquanto cidadã.

2. METODOLOGIA

Para esclarecer a contradição entre a quantidade de mulheres estudantes de arquitetura e urbanismo e a ausência de seu reconhecimento enquanto profissionais, foi proposto um estudo de comparação entre o número de mulheres dentro da Faurb/UFPel e a emissão de Registros de Responsabilidade Técnica gerado por essas desde a criação do CAU/BR em 15 de setembro de 2011. Entretanto, a dificuldade de obtenção dos dados juntos ao Conselho fez com que os estudos tomassem novo rumo sob um panorama mais geral.

Partindo da hipótese da possível relação entre representatividade e invisibilidade feminina, a pesquisa optou por uma análise da primeira edição do site “Un día, una arquitecta” buscando consolidar um ponto de partida seguro para as investigações. O material estudado é um projeto que se propôs a divulgar a biografia e o trabalho de uma arquiteta por ano, realizado por um coletivo internacional de pesquisadores no intuito de visibilizar as contribuições de arquitetas nas diferentes ramificações da arquitetura.

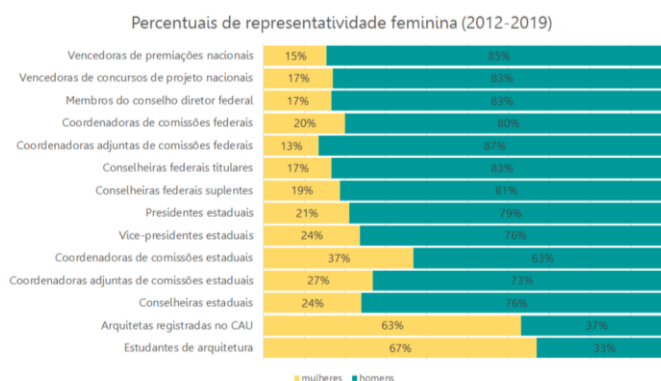


FIGURA 01: fonte: <https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seleção das 365 arquitetas entrevistadas pelo site "Un día, una arquitecta" partiu do compromisso em visibilizar diferentes atuações de arquitetas e também um total de 132 países. Sendo assim, a análise dos conteúdos foi feita a partir de uma busca por possíveis cruzamentos entre as entrevistas salientando os lugares e as experiências descritas pelas arquitetas, com o objetivo de problematizar a invisibilidade feminina.

La realidad latinoamericana es muy cruel. Una mujer abandonada por su pareja, que muchas veces es la que mantiene su casa y sus hijos, sigue siendo golpeada y queda internada. Los chicos quedan desolados, o los tiene que cuidar una vecina. Otra vive encerrada en su casa porque el marido no quiere que salga, si llega borracho le termina pegando y le incendia su casa. [...] y lo peor es que son las mujeres tienen que esconderse para defenderse.

(MERCÈ, 2016, s.p)

A partir da fala de Cabral, pode ser observado que ao passo em que os desafios das arquitetas dos países centrais impõe uma constante e importante luta por visibilidade, as mulheres latino americanas não só confrontam a falta de espaço e a incredibilidade dada a sua voz, como também enfrentam jornadas duplas, quando não triplas, de trabalho. Além disso, aqui vale enfatizar duas problemáticas que agregam significativos esforços ao seu papel como arquiteta. Primeiro, a invisibilização enquanto cidadã, quando mesmo sendo vítima, ela não pode contar com os serviços de segurança pública garantidos por lei. E também enquanto trabalhadora, quando suas jornadas complementares, de suma importância na sociedade, não são nem consideradas. Sendo assim, é possível afirmar que a invisibilidade feminina está intrinsecamente relacionada com o contexto na qual se insere.

Outro aspecto que pode ser evidenciado durante o estudo foi que a maioria das arquitetas entrevistadas possuem pós-graduação e/ou experiências profissionais internacionais. Visto a importância do contexto, é fundamental destacar que em tempos nos quais o acesso à educação ainda é bastante restrito, podemos pensar essas experiências como um privilégio em função da discrepante vantagem com que se posicionam no mercado. Partindo dessa premissa e ressaltando o enfoque da discussão na temática da invisibilidade, não é difícil observar sutis relações entre o reconhecimento internacional, as oportunidades de carreira, o acesso à educação, e por fim, a classe social a qual as arquitetas pertencem. Dessa forma, podemos constatar que a invisibilidade feminina, ainda que bastante injusta em sua totalidade, também apresenta um recorte de classe social.

Em suma, é possível afirmar a inerente relação da invisibilidade feminina com o contexto inserido e a classe social enfatizando as injustas demandas a que são submetidas e que excedem suas competências enquanto profissionais da área. Diante disso, fica evidente que as questões abordadas são fatores que contribuem para a rigidez de um mercado que historicamente é caracterizado pela sua homogeneidade masculina. São diversas as consequências e discussões que daqui podem ser geradas, mas vale ressaltar que essa baixa diversidade pode implicar na estereotipagem de tarefas empregadas e com isso, no fortalecimento de um padrão requerido por esse mercado. Assim, os reflexos da invisibilidade feminina agregado a um constante sentimento de não pertencimento exigem

agora um esforço extra, não mais sobre conhecimentos práticos ou teóricos de arquitetura, nem físico e psicológico, mas também comportamental.

Visto as diversas barreiras enfrentadas pelas arquitetas, ainda assim não recebem justo reconhecimento pelos seus trabalhos e com isso podemos denotar a existência de uma força reacionária à esses esforços que não permitem que a problemática, a qual vem sendo perpetuada durante toda a história da arquitetura, assuma dinâmicas mais democráticas e igualitárias. Um exemplo explícito desse silenciamento internacional foi a premiação do Pritzker 2013, quando Robert Venturi foi laureado pelo trabalho realizado em conjunto com sua sócia-esposa sem haver qualquer mínimo reconhecimento de Denise Scott Brown.

Outro exemplo que evidencia com ainda mais clareza essa resistência são os comentários efetuados na página do CAU/BR frente a divulgação do 1º Diagnóstico sobre Equidade de Gênero na Arquitetura e Urbanismo realizado pelo Conselho, onde dentre todos os comentários podemos destacar os seguintes: "Dinheiro de anuidades e RRTs sendo jogados no esgoto." e "CAU, preocupe-se em investir o dinheiro que nos TOMA, com algo que realmente sirva a classe e parem de abraçar pautas históricas, pensem em ARQUITETURA E ARQUITETOS, cada gênero tem sua sua representatividade e suas diferenças dentro da arquitetura, isso é normal, invistam nosso dinheiro em algo útil!!!" (disponíveis em: <https://www.cau.br.gov.br/cau-br-realiza-diagnostico-sobre-equidade-de-genero/>). Esses dois exemplos nos mostram que a resistência à visibilidade feminina é expressa sob modos distintos, explícita ou implicitamente.

Fazendo um paralelo entre as estruturas sociais, contexto e classe social, e as consequentes dinâmicas que se apresentam no mercado, podemos ainda acrescentar possíveis ferramentas que potencializam a evidência da invisibilidade feminina na arquitetura e no urbanismo. Lera Boroditsky em sua apresentação no TED conference (Technology, Entertainment, Design) explica como a linguagem pode moldar os modos de pensar argumentando que a existência de 7.000 línguas no planeta revela a inteligência e flexibilidade da mente humana através da capacidade de desenvolver então 7.000 universos cognitivos diferentes sobre a realidade. Partindo disso, Boroditsky critica a concentração dos conhecimentos produzidos sobre a mente humana nas universidades norte-americanas, enfatizando a limitação e um posicionamento tendencioso na produção do conhecimento gerado, uma vez que é restrito a uma só realidade.

Apesar de não ter criticado as implicações da linguagem na construção do gênero, podemos estabelecer consideráveis relações entre a linguagem e a invisibilidade feminina. A análise dos conteúdos do site considera a nomeação dos escritórios de arquitetura como outro possível aspecto expressivo da problemática. Podemos observar conceituados coletivos que utilizam "arquitetos" para se referir a uma equipe formada por homens e mulheres, é o caso de AR arquitetos e Nitsch arquitetos. Embora o emprego de termos conjugados no masculino para se referir ao coletivo seja uma condicionante da língua portuguesa, relacionar essa flexão da linguagem com os baixos índices de representatividade das arquitetas pode ser plausível, uma vez que mesmo sendo implícito quem trabalha no escritório sabemos que tem homens. Outro exemplo que vale ser destacado é o não reconhecimento da profissional de arquitetura, nas linguagens que possuem gênero, pelo Google tradutor, site com mais de 200 milhões de usuários com 19,24 visualizações diárias por visitante (Figura 02).

Ainda seguindo a lógica proposta por Lera Boroditsky, se a linguagem é capaz de moldar os modos de pensar, então a linguagem pode nos mostrar quais ideologias estão sendo expressas na sociedade. Sendo assim, poderia afirmar que a invisibilidade feminina evidenciada, também, pelas regras da linguagem

possui relações próximas com a representatividade das mulheres no cenário urbano e arquitetônico. E então supor que a invisibilidade feminina na arquitetura não só possui base socioeconômicas, estruturas rígidas de mercado, resistências culturais, mas também possui cunho ideológico que não é difícil de ser identificado em uma sociedade patriarcal e opressora.

Os desdobramentos decorrentes daqui engrenam em um inquietante ciclo vicioso que dá indícios de uma grande e complexa problemática sobre as discussões que englobam um urbanismo universal e inclusivo partindo da premissa da representatividade, e é por esse caminho que o trabalho aqui descrito se propõe a percorrer. Posto isso, podemos enfatizar a pertinência do tema e da importância das discussões geradas visto que se encontram em um estágio bastante incipiente.

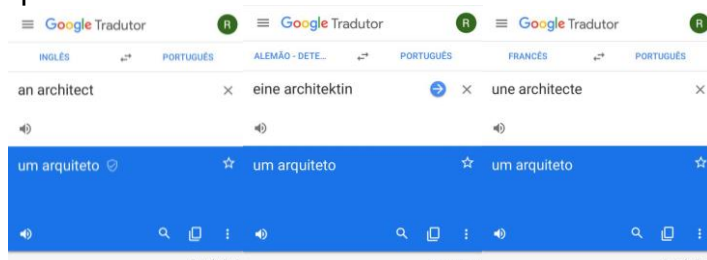


FIGURA 02: Print Screen da tela de celular que mostra a tradução feita pelo Google Tradutor de “uma arquiteta” nas línguas alemão, espanhol e francês para “um arquiteto” em português.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho descrito acima se torna iminente a importância da produção de materiais como o do site estudado Un día, Una Arquitecta, visto que possibilitam grande avanço nas discussões de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Un día, Una Arquitecta. **Un día, Una Arquitecta**. 2015. Acesso em 6 set. 2019. Online. Disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/>
- TED talks. **Lera Boroditsky: How language shapes the way we think**. TED Talks, 2017. Talks. Acessado em 17 mai. 2019. Online. Disponível em: https://www.ted.com/talks/lera_boroditsky_how_language_shapes_the_way_we_think
- CAUBR. **CAU/BR realiza diagnóstico sobre equidade de gênero**. CAU/BR, Brasília, 9 jul. 2019. Notícias. Acessado em 10 ago. 2019. Online. Disponível em: <https://www.cau.br.gov.br/cau-br-realiza-diagnostico-sobre-equidade-de-genero/>
- NOVA ESCOLA. **O que é um gênero textual**. Rita Jover-Faleiros, São Paulo, 01 mar. 2013. Conteúdo. Acessado em 12 set. 2019. Online. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/194/o-que-e-um-genero-textual>
- WIKIPEDIA. **Google Tradutor**. Wikipedia: a enciclopédia livre, 29 jul. 2015. Acessado em 13 set. 2019. Online. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Tradutor
- CAUBR. **Inédito: visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo**. CAU/BR, Brasília, 7 mar. 2019. Notícias. Acessado em 10 ago. 2019. Online. Disponível em: <https://www.cau.br.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>
- MERCÉ, C. **Gloria Cabral 1982**. Cayetanna Merce, In: Um día, una arquitecta. Buenos Aires, 4 mar. 2016. Inicio. Acessado em 10 set. 2019. Online. Disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2016/03/04/gloria-cabral-1982/>